LUMEN ET VIRTUS

Dinheiro, status social e felicidade: Reflexões ancoradas em Veblen e Smith

https://doi.org/10.56238/levv15n38-086

Otávio Florentino Detoni
Doutor em Economia (FEA/USP)

Polliany Aparecida Lopes de Carvalho
Doutora em Economia (UFF)

RESUMO
Apesar da considerável diferença entre as visões de Veblen e Smith a respeito do capitalismo e seus benefícios ou malefícios, ambos possuem semelhanças em relação a como enxergam e avaliam traços do comportamento humano. No limite, compartilham semelhanças na interpretação de o que os indivíduos perseguem no curso de suas vidas. Para esses teóricos, os indivíduos buscam obter avaliação positiva de seus pares, uma espécie de certificação social. Para tanto, perseguem padrões de consumo capazes de causar distinção e validar suas "aprovações" sociais, traduzidas em atenção e admiração da sociedade. No entanto, enquanto Smith via a busca de status por meio do consumo conspícuo como um estímulo ao dinamismo econômico, Veblen considerava isso um gerador de resíduos e desperdícios prejudiciais ao bem-estar social, reivindicando o trabalho como um canal socialmente superior de aquisição do respeito social. O presente ensaio explora as considerações desses dois grandes economistas a respeito dessa questão. A discussão coloca ênfase em questões sociais atuais, especialmente no que diz respeito a decisões individuais, padrões de consumo e seus impactos em termos sociais.

Palavras-chave: Aprovação social, Consumo conspícuo, Adam Smith, Thorstein Veblen.

1 INTRODUÇÃO

> "...all the best business men want to get money, but many of them do not care about it much for its own sake; they want it chiefly as the most convincing proof to themselves and others that they have succeeded." MARSHALL (1890, p. 635)

Thorstein Veblen e Adam Smith são celebrados economistas e pensadores sociais. Seus esforços intelectuais abrangem importantes aspectos da vida em sociedade, tanto sob a ótica filosófica quanto econômica. Embora sejam reconhecidamente pensadores distintos em termos de qual o melhor caminho para a condução da economia, eles compartilham notáveis semelhanças na forma como enxergam traços do comportamento humano e a vida em sociedade.

Tanto o famoso "pai da economia", Smith, quanto o reconhecido "pai do institucionalismo" norte-americano, Veblen, viam os indivíduos como seres que buscam uma avaliação positiva por parte de seus pares, ou seja, a busca por reconhecimento e aprovação. Além disso, ambos viam o consumo de luxo, ou, em termos possivelmente mais apropriados, o consumo conspícuo de Veblen, como um caminho para o tão almejado status social.

O professor Jon Wisman, em um artigo de 2019 publicado no célebre periódico inglês *Cambridge Journal*, argumenta que a grande divergência de suas teorias sobre o comportamento humano se deve ao período e ao objetivo com que foram escritas. De acordo com Wisman (2019), o principal objetivo de Smith em sua obra de 1759, "Teoria dos Sentimentos Morais", era desenvolver uma teoria da moralidade. Por outro lado, o principal objetivo de Veblen, especialmente em sua mais conhecida obra de 1899, "A Teoria da Classe Ociosa", era abordar o capitalismo de forma crítica, com forte ataque ao modo de agir e aos costumes dos ricos da época. Enquanto Smith buscava edificar conceitos de moralidade, Veblen sugeria uma maior racionalidade nas relações sociais e econômicas, propondo que a sociedade poderia ser mais racional e humanamente estruturada, tendo como aspecto central o esforço e o trabalho humano.

A consideração de Veblen e Smith de que os indivíduos perseguem a avaliação positiva de seus pares, aprovação e status social traz discussões importantes para a compreensão dos mecanismos e nuances da vida em sociedade. Será que a felicidade humana advém da aprovação social? Ou essa felicidade é apenas ilusória ou passageira? Vale a pena explorar o quanto as instituições devem ser desenhadas para atender às necessidades humanas de alcançar tal aprovação? Nesse contexto, a proposta do trabalho é traçar uma análise comparativa entre as teorias de comportamento humano de Smith e Veblen, destacando as semelhanças e diferenças entre elas. Além disso, sob a luz de suas teorias, avaliar de maneira crítica o impacto social e o quão benéfica ou maléfica a busca pela felicidade, condicionada à aprovação social e riqueza material, é para a vida em sociedade, seja em termos econômicos ou sociais.

Em resumo geral, a proposta do estudo é delimitar traços das teorias de comportamento humano de Veblen e Smith, de modo que elas possam iluminar discussões modernas e atuais. É interessante notar que discutir "visões" semelhantes pode trazer implicações muito distintas quando se pensa nas consequências da abordagem causal de cada uma. Enquanto para Smith a luta e perseguição de "aplausos imerecidos" por meio do consumo de luxo tem a feliz consequência de agitar e impulsionar a economia, Veblen via tal luta de maneira economicamente desfavorável. De acordo com o teórico, o resultado dela é o desperdício e a má alocação de recursos (PAGANELLI, 2009; WISMAN, 2019).

2 O PRINCÍPIO E A BUSCA PELA APROVAÇÃO SOCIAL: CORRESPONDÊNCIAS EM VEBLEN E SMITH

> "A natureza, quando formou o homem para a sociedade, dotou-o de um desejo original de agradar e de uma aversão original de ofender seus irmãos. Ela o ensinou a sentir prazer em sua consideração favorável e dor em sua consideração desfavorável. Ela tornou sua aprovação mais lisonjeira e mais agradável para ele por si mesma; e sua desaprovação mais mortificante e ofensiva." — SMITH (1759, p. 212; III.2)

Na "Teoria dos Sentimentos Morais", clássica obra de 1759, Smith desenvolveu uma teoria do comportamento humano em que os humanos são descritos como lutando, primeiramente e principalmente, por sua autoestima através da obtenção de aprovação social. Este princípio de aprovação diz respeito:

> "à faculdade da mente que torna certos personagens agradáveis ou desagradáveis para nós, nos faz preferir um estilo de conduta a outro, denominar certo e o outro errado, e considerar um como o objeto de aprovação, honra e recompensa; a outra como a de culpa, censura e punição" — SMITH (1759, p. 497; VII.3.1)

Anos mais tarde, Thorstein Veblen, em "Teoria da Classe Ociosa", obra de 1899, também escreveu sobre a necessidade humana da aprovação dos demais e a importância dessa conquista para o respeito próprio:

> "A base usual do respeito próprio é o respeito concedido pelos vizinhos. Apenas indivíduos com temperamento aberrante podem, a longo prazo, manter sua autoestima em face do desprezo de seus companheiros." — VEBLEN (1899, p. 39).

Veblen também insistiu que a necessidade de aprovação dos outros estava baseada na natureza humana. Esse motivo de emulação é uma espécie de estímulo para uma "comparação invejosa" que nos leva a querer superar aqueles com quem nos comparamos:

> "Com exceção do instinto de autopreservação, a propensão para a emulação é provavelmente a mais forte, mais alerta e persistente dos motivos econômicos adequados... propensão para a emulação - para comparação invejosa - é... antiga e é uma característica predominante da natureza humana" — VEBLEN (1899, pp. 110, 109).

No entanto, enquanto Smith abordou o consumo conspícuo como uma entre muitas formas de comportamento que certifica a aprovação dos demais, Veblen focou predominantemente no papel do consumo conspícuo. Wisman (2019) argumenta que a razão para isso está centrada nas distintas sociedades que ambos observaram. A sociedade de Smith era muito menos rica do que a que Veblen presenciou anos mais tarde. Na época de Smith, o consumo conspícuo ainda não era tão democratizado, havendo espaço para os indivíduos buscarem outras formas de aprovação ou admiração, como bons valores morais ou, nos termos de Smith, as virtudes divinas, como simpatia e generosidade.

Embora Smith e Veblen sustentassem que os humanos naturalmente precisam da aprovação dos outros, o que pode alcançar essa aprovação é, em grande medida, determinado socialmente pelos valores que foram gerados na evolução da estrutura cultural ou institucional da sociedade. Os humanos são socializados de acordo com esses valores de maneiras variadas. Smith, por exemplo, destaca o papel da observação neste processo de socialização:

> "Nossas observações contínuas sobre a conduta dos outros insensivelmente nos levam a formar para nós mesmos certas regras gerais sobre o que é adequado e apropriado ser feito ou evitado... Originalmente, não aprovamos ou condenamos ações particulares, porque, após exame, elas parecem ser agradáveis ou inconsistentes com uma certa regra geral. A regra geral, pelo contrário, é formada pela descoberta da experiência de que todas as ações de um certo tipo, ou circunstâncias de certa forma, são aprovadas ou reprovadas." — SMITH (1759, pp. 263-264; II.4.8)

Da mesma forma, a natureza de nossas próprias ações só é revelada por referência a como os outros as percebem. A sociedade fornece o espelho para avaliar nossos julgamentos. Ou seja, nossos próprios julgamentos e opiniões são formulados mutuamente de acordo com os julgamentos e opiniões da ampla sociedade. Desta forma, as regras morais são generalizações indutivas:

> "As máximas gerais da moralidade são formadas, como todas as outras máximas gerais, a partir da experiência e indução." — SMITH (1759, p. 505; VII.3.1).

3 SMITH E VEBLEN APOIADOS POR DEMAIS ESPECTROS DA CIÊNCIA

A afirmação de Smith e Veblen de que os humanos naturalmente precisam da aprovação social de outros tem validade? Qual a força desse argumento? Embora a questão possa não ser amplamente discutida por economistas, mesmo dentro da tradição heterodoxa, há um reconhecimento significativo entre pensadores sociais de outras disciplinas. Wisman (2019) compila diversos pensadores sociais que, além do campo econômico, dedicaram atenção à necessidade humana de aprovação social. Muitos desses pensadores reconheceram que o status social é extremamente importante para as pessoas, afetando fortemente o comportamento individual.

Karl Polanyi, por exemplo, afirmou que um indivíduo é motivado "para salvaguardar sua posição social, suas reivindicações sociais, seus bens sociais. Ele valoriza os bens materiais na medida em que atendam a esse fim" (1944, p. 46). O filósofo John Rawls (1999) também argumentou que a

forma como as pessoas são julgadas pelos outros constitui a base para a sua autoestima, considerando essa dimensão como "talvez o bem primário mais importante".

Sigmund Freud, o famoso psicanalista, direcionou seus escritos para essa questão, sugerindo que o medo de perder o amor dos outros é uma fonte significativa de ansiedade social (Freud, 1994). Charles Darwin (1871) relacionou a busca pela aprovação social com sua teoria da seleção natural. Para Darwin, um dos instintos mais poderosos para o desenvolvimento das virtudes sociais é proporcionado pelo elogio e crítica dos pares, um traço adquirido pelo ser humano por meio da seleção natural. Essa constatação está ligada à sequência de uma linhagem genética, sugerindo que aqueles que alcançam a aprovação dos outros são mais bem-sucedidos no acasalamento e, consequentemente, transmitem seus genes para as futuras gerações.

Portanto, a necessidade humana de aprovação social é amplamente reconhecida não apenas por economistas como Smith e Veblen, mas também por pensadores de outras áreas das ciências sociais e biológicas. Isso reforça a validade do argumento e destaca a importância do status social na formação do comportamento humano.

4 NATUREZA VIRTUOSA OU PREDATÓRIA? ÚTIL OU PREJUDICIAL?

Feita a aproximação em um plano mais geral das constatações de Smith e Veblen acerca do comportamento humano e da constante busca por prestígio social, além das formulações de outros campos que dão peso às constatações dos dois grandes teóricos, a próxima seção destaca as principais nuances de cada autor sobre o tema. Em resumo, após a primeira tentativa de aproximá-los, é interessante diferenciá-los a fim de uma reflexão mais ampla acerca das implicações de tal comportamento, seja ele predatório ou virtuoso.

Como mencionado anteriormente, Smith e Veblen abordaram como o padrão de consumo é influenciado pela busca de status ou aprovação social. No entanto, enquanto Smith via essa busca como socialmente benéfica, Veblen a via como uma espécie de desperdício social. Cabe agora explorar melhor essa distinção que os separa.

4.1 SMITH – CONSUMO VIRTUOSO? RICOS MAIS FELIZES?

> “A humanidade não deseja ser grande, mas ser amada” — SMITH (1759, p. 276; III).
> “É principalmente do respeito aos sentimentos da humanidade que buscamos riquezas e evitamos a pobreza” — SMITH (1759, p. 112; III).

Na adequada colocação do professor Wisman (2019), Smith viu a equação da felicidade com riqueza e luxo como um feliz engano. As instituições sociais que evoluíram para privilegiar a busca de aprovação por meio da riqueza eram vistas como naturais. Para Smith (1776), é a busca pela riqueza que desperta e mantém em movimento contínuo a indústria da humanidade. É o que leva os indivíduos

a cultivar o solo, construir casas, fundar cidades e comunidades, inventar e melhorar todas as ciências e artes, que enobrecem e embelezam a vida humana. Ou seja, a busca por aprovação acarreta na geração de riquezas materiais úteis para melhorar o padrão de vida dos indivíduos na sociedade.

> "O homem rico se gloria em suas riquezas porque sente que elas naturalmente atraem sobre ele a atenção do mundo... e ele está mais interessado em sua riqueza por conta disso do que por todas as outras vantagens que lhe proporciona." — SMITH (1759, p. 276; III).

Para Smith, a riqueza traz aprovação social e atenção, mas não se traduz em maior felicidade. Além disso, pode corromper os sentimentos morais na medida em que os indivíduos mais sábios e virtuosos não recebem a devida atenção de seus pares. Existe, para Smith, uma espécie de inversão de valores morais. Porém, essa inversão possui uma utilidade social, na medida em que impulsiona a busca por riquezas e eleva o padrão de vida das sociedades.

> "As realizações frívolas daquele impertinente e coisas tolas chamadas de homem da moda, são comumente mais admiradas do que as sólidas e virtudes masculinas de um guerreiro, estadista, filósofo ou legislador" — SMITH (1759, p. 129; I.3).

Diante da dinâmica social e da busca por riqueza para certificação social, Smith argumenta que tal foi a grande responsável e impulsionadora da transição do feudalismo para o capitalismo comercial. O crescente comércio que surgia com o fim da Idade Média trazia produtos de luxo que saltavam aos olhos dos grandes proprietários feudais. Competindo entre si pelo consumo desses bens, eles impulsionaram todo o crescimento da classe de comerciantes e deram legitimidade ao surgimento da burguesia. A vaidade e a "competição infantil" entre os senhores feudais foi decisória para suas respectivas perdas de poder e autoridade (WIENGAST, 2017).

> "Eles desperdiçaram sua riqueza ao transferi-la para uma emergente e mais iluminada classe comercial. Tudo isso aconteceu sem qualquer intenção por parte dos atores de trazer esta feliz transformação. Em vez disso, funcionou como se fosse guiado por uma benéfica 'mão invisível', produzindo progresso que 'toda a violência das instituições feudais nunca poderia ter efetuado; a operação silenciosa e insensível do comércio estrangeiro e dos fabricantes surgiram gradualmente" — SMITH (1776, p. 418).

Fica evidente que, para Smith, a busca por distinção e aprovação social é uma característica que baliza as decisões e o comportamento econômico humano. Os indivíduos buscam felicidade através da busca por serem amados, admirados, etc. No entanto, embora Smith considere esse comportamento desprezível, ele reconhece que tal tem grande utilidade na geração de riquezas e na melhoria do padrão de vida mais geral. Para ele, no limite, tal comportamento age como um incentivo à indústria e atuou – no episódio histórico de transição do feudalismo – como um instrumento para transferência de poder econômico e político de uma classe de proprietários de terras parasitas para uma classe geradora de crescimento econômico.

Partindo da razoável exposição realizada acima, cabe agora buscarmos responder à segunda indagação realizada no subtítulo da seção: seriam os ricos mais felizes? Ora, se um traço marcante do comportamento humano é a busca por aprovação social, certificada pela obtenção de riquezas, seria quase tautológico afirmar que os menos dotados de riquezas ou bens materiais seriam menos felizes, dado que não receberiam a tão almejada admiração dos seus pares, correto? Smith surpreende nessa questão, afirmando que não há diferença na verdadeira felicidade da vida humana. Mesmo estando os mais pobres envergonhados de sua condição, são eles que mais possuem tranquilidade para realizar as coisas mais simples e prazerosas da vida. Smith chega a classificar as posses e riquezas das classes superiores como meras e inúteis "bugigangas".

> "No que constitui a verdadeira felicidade da vida humana, [os pobres] não são de forma alguma inferiores aos que parecem muito acima deles. Com tranquilidade do corpo e paz de espírito, todas as diferentes classes de vida estão quase no mesmo nível, e o mendigo que se põe ao sol ao lado da estrada, possui aquela segurança pela qual os reis estão lutando... riqueza e grandeza são meras bugigangas." — SMITH (1759, pp. 303-4; IV.1.10).

4.2 VEBLEN – CONSUMO CONSPÍCUO E DESPERDÍCIO

Thorstein Veblen, em sua obra "A Teoria da Classe Ociosa", publicada em 1899, cunhou o termo "consumo conspícuo" para referir-se ao dispêndio feito com a finalidade principal de demonstrar condição social. De acordo com ele, o consumo conspícuo manifesta-se por meio da compra de artigos de luxo e de gastos ostentatórios. Veblen aborda a questão do consumo com um tratamento histórico-antropológico-sociológico, diretamente ligado à teoria do processo de decisão baseada em instintos, hábitos e instituições.

Uma análise Vebleniana do consumo implica entender que o padrão de consumo de uma sociedade está relacionado não apenas às escolhas dos indivíduos isoladamente, mas principalmente aos hábitos mentais desenvolvidos por eles, que se transformam em instituições quando se tornam ações coletivas. Dessa maneira, a análise do consumo proposta por Veblen apresenta um caráter inerentemente social, cultural, histórico e evolucionário (CAMATTA, 2014).

Para Veblen, precursor da escola institucionalista, a mola propulsora da acumulação é a emulação pecuniária, ou seja, a necessidade de cada indivíduo sobrepujar outros agentes na acumulação de bens. Neste caso, o indivíduo procura conscientemente a emulação como estímulo à rivalidade ou disputa, pois a posse da riqueza é, por si só, honorífica e capaz de distingui-lo dos demais. Em resumo, o consumo conspícuo seria a demonstração emulativa em termos de desperdício, da valoração de bens sem utilidade para o "preenchimento da vida", suplemento das mais puras demonstrações de poder pecuniário. O consumo conspícuo, assim como anteriormente o ócio conspícuo, seriam respostas à necessidade de expressão da diferenciação das classes sociais (Cavalieri, 2009).

Dessa forma, fica claro que, para Veblen, assim como para Smith, o homem busca a diferenciação para obter aplausos. No entanto, enquanto Smith lança um olhar de desprezo para os hábitos de consumo relativos, mas reconhece certa utilidade social dos mesmos, Veblen vê uma desutilidade social traduzida em desperdício de recursos que poderiam ser melhor utilizados. Em suma, para Smith, a busca por aplausos imerecidos culminou em trabalho, agitação e progresso industrial. Para Veblen, essa caça ao reconhecimento e à admiração culmina em enorme desperdício de recursos. Nas palavras de Veblen:

> "O excedente descartável que sobra após as necessidades físicas mais imperativas serem satisfeitas, não raro é desviado para o propósito de uma decência conspícua, ao invés de adicionar fisicamente conforto e plenitude de vida. Além disso, a energia excedente disponível também provavelmente é gasta na aquisição de bens para consumo conspícuo ou tesouro conspícuo." — VEBLEN (1899, p. 205)
> "A natureza humana sendo o que é, a luta de cada um para possuir mais do que seu vizinho é inseparável da instituição da propriedade privada." — VEBLEN (1919, p. 397)

Os indivíduos estão em constante busca de superação do padrão de consumo dos vizinhos. Essa constante predatória os coloca em uma esteira, trabalhando cada vez mais para desperdiçar mais, sem nenhum aumento na felicidade ou no bem-estar. Em suma, os indivíduos consideram gratificante "ter" mais do que os outros; no entanto, esse novo padrão de riqueza é rapidamente absorvido pelos demais, deixando de proporcionar a mesma satisfação que proporcionava antes dos outros alcançarem aquele nível. Ou seja, a tendência é de fato uma "esteira", onde os indivíduos sentem a necessidade de aumentar continuamente seu padrão conspícuo.

Embora não seja o tema central deste ensaio, vale destacar que a solução para Veblen é a abolição da propriedade privada. Com a eliminação da propriedade privada, o traço humano da emulação dos padrões de consumo poderia se transformar na emulação do trabalho e do esforço, gerando uma sociedade onde o trabalho é a grande fonte de admiração e honradez. Em sua luta por status, as pessoas aspiram a parecer acima da necessidade de trabalhar. O consumo conspícuo serve para realizar essa sinalização. Veblen traz seu clássico exemplo do vestido: para ele, um vestido "acertado" pode demonstrar que seu usuário está acima da necessidade de trabalhar. Roupas caras são especialmente reveladoras da riqueza de seus usuários. O gasto com roupas caras está sempre em evidência e fornece uma indicação da posição pecuniária daquele que as veste, exibindo a não necessidade de trabalhar e ilustrando o argumento de que, apenas sob diferentes instituições sociais, o trabalho pode se tornar enobrecedor e motivo de admiração social.

> "O vestido elegante serve ao seu propósito de elegância, não só por ser caro, mas também porque é a insígnia do lazer. Não apenas mostra que o usuário é capaz de consumir um valor relativamente grande... Assim, para os homens, o sapato de couro envernizado, o linho inoxidável, o lustroso chapéu cilíndrico e a bengala. Para as mulheres, o salto francês, a saia, cabelo comprido, o espartilho..." — VEBLEN (1899, p. 167).

5 NATUREZA HUMANA E FELICIDADE ILUSÓRIA – REFLEXÕES GERAIS

A compra de um carro importado por valores exuberantes ou o uso diário de roupas de grife é um comportamento observado na maioria dos indivíduos com melhores condições financeiras. No entanto, seria o preço dos carros importados ou das roupas de grife consequência pura e exclusiva da qualidade do bem ou trabalho investido para sua produção? Por exemplo, no caso dos carros, seria o fato de o motor ser mais potente? Ou, para as roupas, os tecidos mais confortáveis e duráveis? De maneira pouco intuitiva, seria o elevado preço do produto que o torna mais atrativo aos consumidores?

Dois grandes teóricos e economistas do passado – Smith e Veblen – parecem oferecer respostas ou, ao menos, boas reflexões para essas questões mencionadas. Veblen e Smith são reconhecidamente de lados opostos em suas avaliações sobre o capitalismo. Mesmo diante dessas divergências, este estudo se propôs a encontrar tangentes entre eles, especialmente a respeito da forma como ambos enxergam os indivíduos em busca de aprovação, certificação social e admiração de seus pares. Em resumo, Smith e Veblen veem os humanos como seres em constante busca por auto-respeito e avaliação positiva dos demais, validando-se através do consumo de bens de luxo, capazes de os distinguirem dos demais.

Diante da concepção do comportamento humano apresentado por ambos, fica claro que a riqueza não é objeto de desejo para a simples satisfação de necessidades físicas ou geração de conforto; ela é almejada como forma de conquista de respeito, através da exibição e distinção que a mesma possibilita, colocando o indivíduo em uma posição relativamente superior diante da sociedade que o cerca.

Smith e Veblen, embora enxergando a questão da busca por aprovação social de forma semelhante, divergem quanto às suas consequências. Para Smith, o amor à admiração se desdobra em todo o trabalho que gera riqueza e afasta a pobreza do mundo. Para Veblen, ela traz a consequência de desperdício e má alocação de recursos. Em suma, o comportamento humano de buscar aprovação social através de padrões de consumo diferenciados gera uma espécie de desutilidade social para Veblen, enquanto para Smith, uma utilidade social. No entanto, cabe destacar que, mesmo na avaliação de Smith, tal comportamento, embora funcional, não é o mais adequado ou digno de admiração.

Vale mencionar que essa noção de busca por aprovação social e status contrasta fortemente com a teoria microeconômica de utilidade tradicional, onde o bem-estar é medido pelo consumo de bens. Na teoria tradicional, assume-se que os indivíduos são agentes racionais que buscam maximizar sua utilidade pessoal, geralmente através do consumo de bens e serviços que lhes proporcionam satisfação. O bem-estar é, assim, diretamente correlacionado à quantidade e à qualidade dos bens consumidos, sem considerar os aspectos sociais ou de aprovação externa. Em contraste, tanto Veblen quanto Smith sugerem que o consumo não é apenas uma busca por satisfação pessoal, mas também uma ferramenta para obtenção de reconhecimento social e status. Esse comportamento de consumo

conspícuo, portanto, revela uma complexidade adicional nas motivações humanas, onde a utilidade derivada do consumo é amplamente influenciada por fatores sociais e culturais, e não apenas pela satisfação direta dos desejos pessoais. Esse contraste destaca a necessidade de uma abordagem mais holística para entender o comportamento econômico, incorporando fatores sociais e psicológicos que vão além das premissas da teoria de utilidade tradicional

Anos após Smith e Veblen dedicarem seus esforços a essas questões, alguns economistas do desenvolvimento econômico também incorporaram essas questões em suas teorias sobre o desenvolvimento de uma nação. Em especial, podemos citar Ragnar Nurkse, que em sua obra de 1957 avaliou os problemas da formação de capital nos países subdesenvolvidos, e identificou um dos problemas desses países como sendo a incapacidade de formar poupança, em parte devido ao fenômeno identificado como efeito-demonstração. As elites dos países subdesenvolvidos foram identificadas como tendo forte tendência a emular os padrões de consumo das elites dos países ricos, deixando quase nada ou nenhum recurso para investimento local e desenvolvimento. Nurkse captura a essência do que Smith e Veblen já haviam dito anos ou séculos antes dele, porém de forma mais prática e aplicada.

Retomando a relação colocada no título deste breve ensaio, dinheiro e felicidade, seria possível afirmar categoricamente que o dinheiro é o grande responsável pela felicidade humana? Ora, se os indivíduos perseguem aprovação social e a adquirem através do consumo diferenciado de bens de luxo, parece óbvio que ao acumularem riqueza e a exibirem conseguiriam tal aprovação e se tornariam mais felizes. No entanto, Veblen e Smith não enxergam a questão de forma tão pragmática. Veblen (1899), por exemplo, cita que os humanos se encontram sempre em uma espécie de esteira de emulação, na sensação de que nunca se é rico o bastante. Já Smith (1759) equipara a felicidade de um pobre mendigo com a de um rei. Na clássica e controversa passagem de sua obra, ele argumenta que um mendigo pode desfrutar de uma tranquilidade invejável ao observar o pôr do sol, tranquilidade essa que um rei é incapaz de desfrutar.

Concluindo, tratar questões de cunho econômico e filosófico como as abordadas neste ensaio, pela ótica de dois dos grandes da história, é de suma importância para entendermos melhor as nuances e os mecanismos de funcionamento da sociedade que nos cerca. Questionar se, diante do padrão humano de buscar se destacar dos demais através da capacidade de consumir cestas de consumo diferenciadas, é possível fazer florescer uma sociedade onde outros valores, como caridade, generosidade, bondade e trabalho, tornem o indivíduo tão ou mais respeitado do que pela mera exibição de riqueza.

Veblen afirmava categoricamente que a única forma de romper com os valores do consumo conspícuo era decretando o fim da propriedade privada. Embora não seja tema central deste ensaio discorrer a respeito disso, vale mencionar que talvez essa não seja a única maneira de melhor direcionar

a admiração humana para o enobrecimento do trabalho. Trabalhos empíricos mais recentes indicam um caminho diferente. Por exemplo, Priestland (2012) cita uma pesquisa com trabalhadores britânicos que revela que eles são significativamente mais felizes quando possuem grande controle em seus postos de trabalho, maior número de funcionários e rendas mais elevadas. Maestas et al. (2017) trazem resultados semelhantes para trabalhadores dos EUA; controle no local de trabalho gera considerável satisfação pessoal. Ou seja, o trabalho pode ser fonte de grande utilidade e não desutilidade. No seu local ou posto de trabalho, é possível adquirir respeito, atenção, admiração e reconhecimento social que os indivíduos tanto perseguem. Isso ocorre porque, no trabalho, os indivíduos podem ajudar uns aos outros e se deleitar com a admiração dos colegas pelas suas habilidades e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

Camatta, R. Para além do consumo conspícuo: uma proposta de interpretação da teoria do consumo em Thorstein Veblen. Dissertação de Mestrado. UFES, 2014.

Cavalieri, M. O Surgimento do Institucionalismo Norte-Americano: Um Ensaio Sobre o Pensamento e o Tempo de Thorstein Veblen. Tese de Doutorado. UFMG, 2009.

Darwin, C. The Descent of Man and Selection in Relation to Sex. London: John Murray, 1871.

Freud, S. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XIX (1923-1925): The Ego and the Id and Other Works. London: Hogarth Press, 1994.

Maestas, N.; Mullen, K. J.; Powell, D.; von Wachter, T.; Wenger, J. B. Working Conditions in the United States. 2017.

Marshall, A. Principles of Economics. London: Macmillan, 1890.

Nurkse, R. Problemas de Formação de Capital em Países Subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1957.

Paganelli, M. P. Approbation and the desire to better one's condition in Adam Smith. Journal of the History of Economic Thought, v. 31, p. 79–92, 2009.

Polanyi, K. The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time. Boston: Beacon Press, 1944.

Priestland, D. Merchant, Soldier, Sage. London: Allen Lane, 2012.

Rawls, J. A Theory of Justice. Rev. ed. Cambridge, MA: Belknap Press, 1999.

Smith, A. The Theory of Moral Sentiments. Indianapolis: Liberty Classics, 1759.

Smith, A. An Enquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations. New York: Modern Library, 1776.

Veblen, T. The Theory of the Leisure Class: an Economic Study of Institutions. New York: Modern Library, 1899.

Veblen, T. The Vested Interests and the Common Man. New York: B. W. Huebsch, 1919.

Weingast, B. Adam Smith's "General Principles of Law and Government": Istvan Hont's Contribution. SSRN Scholarly Paper No. ID 3057476. Rochester, NY: Social Science Research Network, 2017.

Wisman, J. Adam Smith and Thorstein Veblen on the Pursuit of Status Through Consumption versus Work. Cambridge Journal of Economics, v. 43, n. 1, p. 17–36, January 2019.